



UC/FPCE\_2012

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O Processo de Recrutamento em Organizações  
Terroristas**

Lígia Gonçalves Silva (e-mail: [ligiagoncalvessilva@gmail.com](mailto:ligiagoncalvessilva@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações e do  
Trabalho sob a orientação de Professor Doutor Joaquim Pires Valentim.

**Título da dissertação – *O Processo de Recrutamento em Organizações Terroristas.***

Resumo

Apesar de ser amplamente discutido nos contextos acadêmico e político, o terrorismo é ainda um tema que gera algumas discordâncias entre os estudiosos. Da definição do termo *terrorismo* à estrutura e funcionamento organizacional de um grupo terrorista, existem ainda muitas questões que devem ser analisadas.

Esta dissertação aborda um dos processos mais importantes para uma organização: o recrutamento. Uma vez que as organizações terroristas são compostas por pessoas, torna-se imperativo perceber como funciona o seu processo de recrutamento, nomeadamente quais os agentes, modelos e técnicas usados para atrair e solidificar uma mentalidade terrorista nos seus membros.

Palavras-chave: Terrorismo, Recrutamento, al-Qaeda.

**Title of dissertation – *The Recruitment Process in Terrorist Organizations.***

Abstract

Although terrorism is a widely discussed theme in the academic and political fields, it still causes disagreement among the experts. From the definition of terrorism to its organizational structure and functioning, there are still many issues that should be further analyzed.

This thesis approach one of the most important processes in an organization: the recruitment. Since terrorist organizations are constituted by people, it becomes mandatory to understand how their recruitment process works, including which are the agents, models and techniques used to attract and consolidate a terrorist mentality in its members.

Key Words: Terrorism, Recruitment, al-Qaeda.

## **Agradecimentos**

Porque uma dissertação não é apenas produto de uma única pessoa, gostaria de agradecer a todos aqueles que, de um modo ou de outro, contribuíram para a realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a todos os professores do Mestrado Integrado em Psicologia, em especial ao Professor Doutor Joaquim Pires Valentim, pela orientação e momentos de partilha ao longo destes meses.

À minha família, em especial aos meus pais, por serem as pessoas mais importantes da minha vida, e por me terem proporcionado a oportunidade de estudar nesta academia. O meu eterno agradecimento.

Ao David, pelo amor e apoio incondicional. Obrigada por acreditares sempre em mim, até mesmo quando eu não acredito.

À Bebiana, por ser *a minha pessoa* há mais de 20 anos.

Um agradecimento sem fim às minhas amigas, irmãs de coração, com as quais cresci ao longo destes 6 anos. Ana Roque, Ágata Vieira, Diana Estrada, Marta Biel, Nazaré Almeida e Sara Isidoro, obrigada por todos os momentos partilhados. Vocês são sem dúvida a coisa mais preciosa que levo desta experiência académica.

## **Índice**

<b>Introdução</b>	1
<b>I – Enquadramento conceptual</b>	
1.1. Terrorismo – evolução do conceito	2
1.2. Terrorismo – multiplicidade de definições	3
1.3. Terrorismo e outras formas de criminalidade	4
1.4. O Terrorismo e a História	5
1.5. Organizações terroristas – tipologias	10
1.6. Terrorismo – fatores psicológicos	12
<b>II - O recrutamento como componente da atividade terrorista</b>	
2.1. O processo de recrutamento	
2.1.1. Formas de recrutamento	13
2.1.2. Agentes recrutadores	16
2.2. Recrutamento na al-Qaeda	
2.2.1. A al-Qaeda	18
2.2.2. Processos de recrutamento	19
2.2.3. Comunicação	23
2.2.4. Técnicas para atrair e solidificar a mentalidade terrorista	25
2.2.5. Células na Europa	29
2.3. Tendências atuais: o recrutamento de mulheres	31
<b>Conclusão</b>	35
<b>Referências Bibliográficas</b>	37
<b>Anexos</b>	
Anexo 1	41

## **Introdução**

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, na área de especialização em Psicologia das Organizações e do Trabalho, a presente dissertação tem como objeto de estudo as organizações terroristas e os seus processos de recrutamento.

O terrorismo, que desde tempos imemoráveis marca presença na evolução das sociedades humanas, tem assumido nas duas últimas décadas à expressão máxima da sua principal característica: a capacidade de aterrorizar e intimidar. A utilização indiscriminada da violência contra a população civil, com o objetivo principal de criar e propagar uma atmosfera de medo, insegurança e instabilidade, atingiu uma escala global (Nascimento, 2002). Desde os atentados de 11 de Setembro nos Estados Unidos da América, o tema do terrorismo tem sido discutido e explorado em vários meios, sendo considerado um problema generalizado que ameaça o mundo moderno. O que antes era visto por diversos países como um problema principalmente interno e em pequena escala, transformou-se numa ameaça global sem fronteiras (Speckhard & Akhmedova, 2005).

Impõem-se então algumas questões: O que é o terrorismo e quais as suas principais características?; O que distingue o terrorismo de outras formas de criminalidade?; Que espécie de organizações são estas e de que forma atraem os seus militantes, capazes de cometer atos de extrema violência? Este trabalho pretende, por mais pequena que seja a sua contribuição, responder a estas questões e analisar a atuação destas organizações através do entendimento dos seus processos e agentes de recrutamento. Para isso, e escolhendo a al-Qaeda como exemplo de estudo, serão analisados processos, meios de comunicação e técnicas de recrutamento, assim como o funcionamento das suas células na Europa. O trabalho culmina numa tendência cada vez mais atual, e que diz respeito ao recrutamento de mulheres.

Tendo em conta as limitações inerentes a um trabalho desta natureza, e as dificuldades em abordar um tema tão complexo, não é pretensão desta dissertação analisar e discutir exaustivamente as questões acima referidas, mas antes ser uma base para a realização de novos e mais aprofundados estudos.

## I – Enquadramento conceptual

*O terrorismo desorienta as pessoas. Fá-lo deliberadamente. Esse é o seu objetivo, e é por essa razão que monopolizou a nossa atenção no início do século XXI.*

Charles Townshend, O Terrorismo (2002)

### 1.1. Terrorismo – evolução do conceito

Os termos *terrorismo* e *terrorista* entraram para o léxico comum em todo o mundo, sendo aplicados num grande espectro, para descrever desde indivíduos, nações e religiões, até esposos abusivos (Piper, 2008). Ao longo dos anos, têm sido desenvolvidos esforços no sentido de alcançar uma definição unânime deste fenómeno, contudo, as dificuldades subsistem, não existindo um entendimento concreto e preciso entre os especialistas deste domínio (Nascimento, 2002; Townshend, 2002).

A origem da palavra *terrorismo* remonta à Revolução Francesa e ao seu regime de terror, correspondente ao período entre 1793 e 1794. Usado como instrumento legal de governação, o terrorismo possuía uma conotação positiva e, através dele, foi criado um “sentimento generalizado de intimidação”, com a perseguição e execução dos “inimigos da Revolução” (Nascimento, 2002, p. 12). O terrorismo estava então nesta altura associado a uma “campanha revolucionária, norteadas por valores de democracia e justiça social, em que a violência assumia um papel relevante na luta contra regimes autoritários e corruptos” (Nascimento, 2002, p.12). Com a queda do Regime Revolucionário, o termo passou a ter uma conotação negativa, sendo associado a situações de abuso de poder (Laquer, 1977 citado em Nascimento, 2002).

Já no século XIX, ocorre uma nova viragem na aceção do conceito, passando este a estar novamente associado a movimentos contestatários contra regimes instituídos. Contudo, no século XX, com a ascensão dos regimes ditatoriais na Europa, o terrorismo perdeu de novo este estatuto de agente revolucionário, recuperando a sua associação a situações de abuso de poder (Hoffman, 1998; Nascimento, 2002).

Esta flutuação de sentido do termo voltou a ocorrer aquando da Segunda Grande Guerra, com a emergência de grupos nacionalistas e

separatistas. É aqui que surge pela primeira vez a expressão de *lutadores pela liberdade* em vez de *terroristas*, como forma de legitimação das ações de violência que eram abertamente apoiadas pela comunidade internacional (Nascimento, 2002).

Por fim, já nos anos 80, com os atos de violência praticados por alguns estados contra outros países, o terrorismo voltou ao seu sentido negativo, sendo aí denominado de terrorismo de Estado (Nascimento, 2002).

## **1.2. Terrorismo – multiplicidade de definições**

Schmid e Jongman (1988) citados em Kruglanski e Fishman (2006), compilaram cerca de 109 definições do termo *terrorismo*, o que ilustra a grande dificuldade em chegar a uma definição satisfatória e consensual do termo. Isto pode ser justificado pela grande diversidade de motivações e comportamentos terroristas, pela diversidade de conceitos envolvidos – políticos, ideológicos, militares e religiosos –, e pelo prisma de análise da questão, uma vez que, como já foi referido anteriormente, “um terrorista pode ser igualmente visto como um lutador pela liberdade” (Jenkins 1982, Hoffman 1998 cit in Victoroff, 2005), consoante atentemos ao método (terrorista), ou às causas/motivações (lutador pela liberdade) (Silva, 2005).

Segundo Laqueur (1999), uma das melhores definições para o termo em análise pertence ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1990), que caracteriza o terrorismo pelo “uso ilegal, ou ameaça de uso, de força ou violência contra indivíduos ou propriedades para coagir e intimidar governos ou sociedades, com objetivos políticos, religiosos ou ideológicos” (Laqueur, 1999, p. 5).

No mesmo sentido segue Moghaddam (2005), que define terrorismo como a “violência motivada politicamente, praticada por indivíduos, grupos ou *state-sponsored agents*, destinada a instilar sentimentos de terror e impotência numa população, com o objectivo de influenciar decisões e mudar comportamentos” (Moghaddam, 2005, p.161).

Silva (2005) apresenta uma definição convergente com as anteriores, definindo o método designado por terrorismo pelo “emprego ou ameaça de emprego da violência contra alvos humanos e materiais por um ator que pretende atingir objetivos políticos ou político-religiosos”; pode ser exercido por vários atores, sejam eles criminosos ou representantes do Estado, sob

alvos militares e civis, e causa um efeito de terror que é “inculcado num conjunto de indivíduos, em número indefinido, que vai além dos alvos imediatos da violência aplicada numa situação em concreto” (Silva, 2005, p.31).

### **1.3. Terrorismo e outras formas de criminalidade**

Serão as organizações terroristas diferentes das demais organizações criminosas? Mais uma vez, não existe uma resposta linear para esta questão.

Silva (2005) defende a diferença entre um ato terrorista e um ato criminoso em dois pontos. O primeiro ponto diz respeito à qualidade do ato, que no caso do terrorismo não tem apenas como objetivo a destruição de um alvo, mas também passar uma mensagem, intimidar e influenciar um público; existe então aqui uma “combinação de força física e de conteúdo informativo, o qual é tanto ou mais importante do que a força” (Silva, 2005, p.33). O segundo ponto está relacionado com a motivação que desencadeia o ato, seja ela política, ideológica ou religiosa, e que não tem unicamente a finalidade de obter lucros (Silva, 2005).

Apesar desta distinção, o autor alerta para o facto de, na prática, existirem organizações que operam através da articulação entre ambos os atos, terroristas e criminosos, e para as ligações complexas que podem existir entre organizações terroristas e grupos de crime organizado, uma vez que estes possuem interesses convergentes (Silva, 2005). Nascimento (2002) acrescenta ainda que, apesar de ambas se envolverem em atividades ilegais semelhantes, como assaltos e tráfico, a motivação que as leva a cometer tais atos é, na sua origem, diferente. Enquanto que para uma organização criminosa a riqueza que advém desse ato “representa um objetivo que se esgota em si mesmo”, para uma organização terrorista, este será o “meio para a manutenção das atividades desestabilizadoras e intimidatórias” (Nascimento, 2002, p.22). Laqueur (1999) assume uma posição mais extrema, considerando que atualmente é extremamente difícil, senão impossível, traçar uma linha entre terrorismo e criminalidade, reforçando a referida aproximação e convergência de interesses entre estes dois tipos de organizações (Laquer, 1999).

Outra distinção importante a fazer nesta temática diz respeito aos conceitos de “terrorismo” e “guerrilha”. A diferença entre eles prende-se

essencialmente com os contextos e alvos envolvidos, não tanto com as técnicas usadas. À semelhança do terrorismo, um movimento de guerrilha pretende projetar uma imagem de força através da sua luta, com o objeto de causar mudanças político-sociais. Os métodos usados são muitas vezes comuns, contudo, existem algumas diferenças a assinalar (Nascimento, 2002; Silva, 2005).

O principal ponto divergente prende-se com a característica mais marcante do terrorismo: o medo e a repressão. De facto, nos contextos em que operam movimentos de guerrilha não existe uma atmosfera de ansiedade, medo e insegurança, uma vez que estes grupos não atuam através de violência intimidatória e coerciva, nem fazem uso da propaganda e publicidade (Nascimento, 2002; Silva, 2005). Também em termos organizacionais e estratégicos existem fortes pontos discriminatórios. Os grupos de guerrilha caracterizam-se pela sua proximidade a formações militares, com um grande número de indivíduos armados e ataques contra forças armadas opositoras; o seu objetivo será a “conquista e manutenção de territórios, adotando medidas que garantam certo controlo e autoridade sobre as áreas conquistadas e respetivas populações (Hoffman, 1998 cit in Nascimento, 2002, p.20). Por sua vez, as organizações terroristas afastam-se deste confronto direto, optando por realizar atentados violentos e desestabilizadores, com vista a desacreditar Estados e governantes (Nascimento, 2002). Por fim, é de referir ainda que, tradicionalmente, a guerrilha opera de forma mais eficaz em contextos rurais, enquanto o terrorismo é conhecido pela sua vertente urbana (Laqueur, 1999; Silva, 2005).

#### **1.4. O terrorismo e a História**

Analisando a evolução histórica do terrorismo, podemos identificar alguns períodos, que vão desde os primórdios das organizações terroristas, passando pelo marco histórico da Revolução Francesa, até à actualidade, com o terrorismo religioso radical.

O primeiro relato escrito de prática sistemática de terror ocorreu no primeiro século no Médio Oriente, e refere os *Zealots*, também conhecidos como *sicarii*, um grupo da Palestina de origem judaica (Laqueur, 2002). Naquele tempo, a Palestina estava sob o controle do Império Romano, que

ordenou que se realizasse um recenseamento com vista a implantar obrigações fiscais. Esta medida gerou a rebelião entre os judeus, habituados a viver sob um sistema próprio de justiça, a não pagar impostos e a outros privilégios que os restantes cidadãos do Império Romano não detinham. Os judeus sentiram-se então humilhados e submissos aos romanos, respondendo com oposição a este domínio através de um grupo organizado - os *Zealots*. Este grupo actuava contra militares romanos e judeus que apoiavam as autoridades imperiais, em locais de grande afluência populacional, através de assassinatos violentos com o uso de um pequeno punhal chamado *sica* (Chaliand & Blin, 2007; Laqueur, 2002). Além destes ataques, os *Zealots* praticavam raptos, extorsões como forma de obtenção de fundos e envenenavam os abastecimentos de água romanos (Hoffman, 1998). Encontramos aqui bastantes semelhanças com as organizações terroristas da actualidade, nomeadamente no que se refere à atuação violenta e patente, de forma a gerar uma atmosfera de medo e ameaça.

Outra organização terrorista que consta dos primeiros registos históricos é os *Assassinos*, que remontam ao final do primeiro século do primeiro milénio, 1090, e se manteve activa até 1272. Esta facção da seita *xiita Ismaili*, originária da Pérsia e liderada por Hassan Sibai, tinha como objectivo constituir uma visão pura do Islão; para isso, lutava contra as autoridades sunitas e contra as Cruzadas. O seu líder, percebendo que a dimensão do grupo era pequena demais para uma ofensiva no campo de batalha, optou por realizar uma campanha sistemática de terror, executada por membros do grupo, tornando-se assim uma arma política de relevo (Hoffman, 1998).

Tal como algumas organizações terroristas da actualidade, este grupo via a sua acção como um acto sagrado e um dever divino, baseando-a em escritos religiosos. Os *Assassinos* encaravam o acto de matar como um ritual sagrado, por isso nunca usavam venenos ou projecteis, mas sim uma adaga; praticavam também o culto do martírio através do uso de suicídio nos seus ataques, como forma de coagir e implantar o medo na população (Chaliand & Blin, 2007; Hoffman, 1998; Laqueur, 2002).

A Revolução Francesa marcou a primeira onda de terrorismo da história moderna. O termo *terrorismo* surgiu em 1798, no *Dictionnaire de la Academie Française*, para descrever o período da Revolução conhecido como

o reinado do terror (Laqueur, 2002). Este regime de terror era praticado pelo governo revolucionário, com o objectivo de consolidar o poder através da intimidação dos contra-revolucionários ou outros elementos perturbadores considerados pelo governo inimigos da população, punindo-os através do uso da guilhotina (Chaliand & Blin, 2007; Hoffman, 1998).

Simultaneamente, começa a surgir um novo contexto social despoletado pela Revolução Industrial e pelo início de uma vaga de campanhas revolucionárias que surgiram por toda a Europa, que se opunham ao capitalismo emergente. Carlo Pisacane é uma das figuras a destacar nesta época pela sua acérrima defesa da república, do federalismo e do mutualismo; mas, principalmente, por ser o mentor da teoria anarquista, que tanta influência teve nos movimentos revolucionários seguintes (Nascimento, 2002).

Motivados pelas novas ideologias de oposição ao poder, começaram a surgir em diversos países, como Rússia, Macedónia, Sérvia e Arménia, grupos revolucionários, que faziam uso da violência com objectivos políticos. O clima de injustiça e pobreza que se vivia na Rússia levou à emergência em 1878 da *Narodnaya*. Fundada por um grupo de jovens, o seu principal objetivo era derrubar o regime instituído e desencadear uma revolução político-social, levando a cabo uma série de assassinatos que culminou com a morte do Czar Alexander II em 1881. Após este acontecimento, foram perseguidos incessantemente, o que levou à sua extinção em 1883. Após duas décadas, uma segunda vaga de terrorismo voltou a assolar a Rússia, desta vez pelo Partido Social Revolucionário, que fomentava as revoltas agrárias e os ataques terroristas, dos quais faziam parte assassinatos, sequestros, assaltos e expropriações. O ponto alto da sua acção ocorreu em 1901 quando assassinaram o ministro do interior da Rússia. À semelhança do anterior, foram incessantemente perseguidos pelas autoridades, extinguindo-se em 1906 (Chaliand & Blin, 2007; Hoffman, 1998; Laqueur, 2002).

Não só na Europa, mas também nos Estados Unidos da América, várias figuras de poder foram assassinadas por grupos terroristas com base em ideologias anarquistas. Contudo, segundo Hoffman (1998), apesar das várias acções levadas a cabo, esta ameaça anarquista não causou um impacto significativo na política mundial (Hoffman, 1998).

Já no século XX inicia-se a terceira onda de terrorismo, com as diversas organizações que atuavam na zona dos Balcãs. Eram secretamente apoiadas pelos governos da Bulgária, Sérvia e Grécia e sua ação centrava-se em sequestros, pilhagens e assassinatos; estas ações deram origem à Guerra dos Balcãs em 1921. Ao mesmo tempo, na Grã-Bretanha, despoletou mais um movimento revolucionário, de seu nome IRA - *Irish Republican Army*, que proclamava a independência da Irlanda. Este grupo foi responsável por uma campanha de violência muito intensa, caracterizada por atentados bombistas, culminado em 1922 na divisão da Irlanda em duas regiões (Nascimento, 2002).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o terrorismo nacionalista atingiu uma grande expressão. Começaram a emergir movimentos em todo o mundo por parte dos povos nativos contra os poderes coloniais, aterrorizando as populações. Estes movimentos eram considerados terroristas por parte das colônias, enquanto eles se denominavam combatentes da liberdade. Esta fase foi decisiva para a desintegração do colonialismo das potências ocidentais. (Chaliand & Blin, 2007; Laqueur, 2002).

Já no século XX, a partir das décadas de 60 e 70, ocorreu uma transformação do fenómeno terrorista. O terrorismo passou a ser considerado uma ameaça para a segurança global, e, segundo Hoffman (1998), o momento decisivo para esta viragem foi o sequestro de um avião das linhas aéreas israelitas em 1968, por uma das fações da OLP – Organização de Libertação da Palestina, denominada FPLP – Frente Popular de Libertação da Palestina. Como explica Nascimento (2002), a partir deste momento o mundo tomou consciência de que as organizações terroristas “se deslocavam entre vários países, de forma a executar atentados (...) especialmente dirigidos contra as populações civis, espalhando, desta forma, um clima de medo e terror” (Nascimento, 2002, p. 40). Dá-se então uma globalização do terror, com as organizações terroristas a ultrapassarem as suas fronteiras, atuando sobre alvos de outros países, e a estabelecerem relações com outras organizações, possibilitando a troca de pessoas, armamento, treino e mesmo ações (Chaliand & Blin, 2007).

Para esta transformação contribuiu também o desenvolvimento da comunicação social e das telecomunicações, em especial dos canais de

televisão, que através da cobertura de ações terroristas ostentosas como sequestros de aviões e ataques bombistas contra infraestruturas civis importantes, ajudavam na propaganda e difusão da causa (Laqueur, 2002).

O rosto de todo este processo foi o ataque perpetrado em 1972 nos Jogos Olímpicos de Munique, por um grupo de jovens palestinos pertencentes à organização Setembro Negro, ligada à OLP. Revelando-se um excelente golpe publicitário, a repercussão deste atentado foi enorme, servindo de inspiração a muitos outros grupos que surgiram posteriormente (Nascimento, 2002).

Ao mesmo tempo, em todo o mundo, outras organizações iam desenvolvendo atividades terroristas como veículo de promoção das suas ideias. Exemplos disso são a Frente de Libertação do Québec no Canadá, a Fração do Exército Vermelho na Alemanha, as Brigadas Vermelhas na Itália, a ETA em Espanha, o PIRA na Irlanda (reativação do IRA) e os grupos que se formaram nos Estados Unidos da América e que se opunham à Guerra do Vietname (Laqueur, 2002).

Já na década de 80, com o fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e reunificação da Alemanha, e o colapso da União Soviética, houve “um declínio da maior parte dos grupos terroristas de extrema-esquerda que nas décadas anteriores abundavam” (Nascimento, 2002, p. 43). O terrorismo acompanhou assim as convulsões sociopolíticas da época com a emergência de grupos radicais de extrema-direita e natureza religiosa.

Movidos por uma inspiração neofascista e neonazi, os grupos radicais de extrema-direita perpetraram atentados em vários países da Europa; são exemplos o atentado com recurso a engenhos explosivos numa estação de caminho-de-ferro em Bolonha, e o atentado na celebração do *Munich's Oktoberfest* em Munique, ambos ocorridos em 1980 (Chaliand & Blin, 2007).

A quinta onda de terrorismo assenta nos grupos radicais de natureza religiosa e no seu fanatismo religioso que tem aterrorizado o mundo, legitimado por princípios e interpretações religiosas. A al-Qaeda é, sem dúvida, o rosto mais visível desta luta, mas não é o único. As ações terroristas do Hamas, Hezbollah, Jihad Islâmica egípcia, entre outras, sempre procuraram a implantação de um Estado islâmico, regido por leis islâmicas. Contudo, nunca nenhuma destas organizações tinha avançado tanto além-

fronteiras, atingindo tão violentamente o Ocidente, espalhando o medo generalizado e influenciando o processo político de grandes potências ocidentais. Mas nem só de radicalismo islâmico é feita esta onda, como é exemplo o caso dos Ku Klux Klan (KKK) nos Estados Unidos da América (Laqueur, 2002).

Atualmente, a natureza e grau de ameaça do terrorismo foram drasticamente alterados pelas novas tendências: a globalização facilitou a circulação de pessoas e informação, dando origem à percepção de disparidades económicas e antagonismo ideológico; a ascensão do fundamentalismo religioso; e o uso de internet de alta velocidade e comunicação por satélite torna possível criar estruturas de controlo e comando virtuais (Enders & Sandler 2000 cit in Victoroff, 2005; Hoffman 1998; Laqueur 1999; Speckhard & Akhmedova, 2005 cit in Sparago, 2007).

Numa perspetiva futura, é importante ter em conta as novas ameaças. Numa sociedade tão dependente de recursos informáticos e *internet* como a nossa, é importante estar alerta para a possibilidade do ciberterrorismo e para as potencialidades da *internet* como forma de transmissão de informação, e meio privilegiado para a disseminação do terror (Hoffman, 1998). Também o uso de armas de destruição massiva, apesar da sua baixa probabilidade de uso, devida a condicionantes estratégicas e morais, é uma questão à qual se deve dar atenção (Nascimento, 2002).

### **1.5. Organizações terroristas - tipologias**

Segundo a União Europeia, consideram-se organizações ou grupos terroristas “associações estruturadas de pessoas que agem de forma concertada, tendo em vista a perpetração de actos terroristas, independentemente da sua composição e do nível de elaboração da sua estrutura” (Posição Comum 2001/931/PESC do Conselho, 2001).

A grande diversidade de variáveis e áreas académicas envolvidas no estudo do terrorismo torna muitas vezes difícil o consenso em relação aos conceitos base. Assim, a criação de uma tipologia para classificar as organizações terroristas constitui uma tarefa bastante complexa e que gera alguma divergência entre os investigadores. Contudo, o objectivo principal de todas as abordagens, sejam elas baseadas em análises empíricas ou teóricas, é tentar identificar o comportamento e os métodos das diferentes

organizações, de forma a facilitar a prevenção e a formulação de estratégias eficazes no combate ao terrorismo (Shultz, 1978 & Victoroff, 2005 cit in Ganor, 2008). Uma tipologia será tanto mais eficaz quanto melhor for a sua capacidade de explicar as características e diferenças entre as várias organizações terroristas e os seus tipos de terror, quer no presente quer no passado (Ganor, 2008).

Ganor (2008) no artigo *Terrorist Organization Typologies and the Probability of a Boomerang Effect* apresenta um modelo complexo que resulta da “combinação das principais categorias utilizadas em diferentes tipologias com novas categorias” (Ganor, 2008, p.271), para alcançar uma melhor distinção. Nesta dissertação, contudo, far-se-á apenas referência à classificação de organizações terroristas pelas suas motivações, uma vez que é a mais consensual entre os investigadores. Assim, esta tipologia apresenta-se dividida em várias categorias<sup>1</sup>:

**Organizações Revolucionárias.** Têm com objectivo mudar um regime vigente e o seu governo, substituindo-o por uma “nova estrutura política ou social” (U.S.Army, 2007, p. 5). Como exemplos, podem ser referidos o Sendero Luminoso no Peru (Partido Comunista do Peru) e os Maoístas no Nepal (Partido Comunista do Nepal) (Ganor, 2008).

**Organizações de Libertação Nacional.** As suas acções têm como objectivo derrotar e expulsar uma força de ocupação e conquistar a independência, como o Hamas na Palestina (Ganor, 2008).

**Organizações Sociais.** Segundo Ganor (2008) estas organizações “agem com o propósito de mudar a ordem socioeconómica de uma nação” (Ganor, 2008, p.271), como a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador.

**Organizações Separatistas.** Defendem “a separação de uma minoria étnica das entidades existentes, através da independência, autonomia política e liberdade religiosa” (U.S.Army, 2007, p. 5). Fazem parte desta categoria organizações como a Euskadi Ta Askatasuna (ETA) basca e o Exército Republicano Irlandês (IRA) irlandês (Ganor, 2008).

**Organizações ideológicas radicais.** Estas organizações actuam

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que esta tipologia, como outras, deve ser considerada um “compêndio heurístico de tipos ideais”, e não deve ser interpretada de forma rígida (Victoroff, 2005, p.5).

através da promoção de ideologias extremistas. Nesta categoria incluem-se organizações de carácter anarquista, comunista e fascista como as Brigadas Vermelhas de Itália e o Exército Vermelho Japonês (Ganor, 2008).

**Organizações religiosas.** A sua acção visa “promover os interesses religiosos e difundir uma religião através da violência, cumprida por membros da organização e fundamentada na ‘vontade divina’” (Ganor, 2008, p.273). Aqui estão incluídas a al-Qaeda e a *Jihad* Islâmica da Palestina, entre outras (Ganor, 2008).

### **1.6. Terrorismo - fatores psicológicos**

Segundo Kruglanski e Fishman (2006), o terrorismo pode ser analisado a partir de três níveis psicológicos - individual, grupal e organizacional – que são interdependentes e se reforçam mutuamente. O nível individual diz respeito ao comportamento terrorista e traços de personalidade; o nível grupal compreende o processo de construção de uma realidade partilhada, as dinâmicas de influência social no recrutamento e instrução, e o papel da linguagem na formação de normas; por fim, o nível organizacional, diz respeito ao treino, logística e às questões de custo-benefício das acções terroristas. Assim, para atingir objectivos, a organização depende dos processos grupais, que operam ao nível individual. Como explicam os autores, “o funcionamento organizacional pressupõe prontidão dos indivíduos para participar para as tarefas definidas pela organização; essa prontidão advém das propensões e tendências individuais dos membros, e da sua amplificação através dos processos grupais de socialização e instrução” (Kruglanski & Fishman, 2006 p. 19). Destes três níveis resulta a cultura do terrorismo.

De acordo com o que foi referido anteriormente, são consideradas duas formas de ligação entre o indivíduo e a organização: por processos *bottom-up* ou *top-down*. O primeiro acontece quando as pessoas procuram a organização e se voluntariam para missões, porque se identificam com valores, atitudes e características. No segundo caso é a organização que selecciona os seus membros, procurando uma adequação entre as características dos membros e da organização, procedendo depois à socialização para um melhor ajuste à missão da organização (Chatman, 1991 cit in Kruglanski e Fishman, 2006).

## II - O recrutamento como componente da actividade terrorista

### 2.1. O processo de recrutamento

Nenhuma organização, seja terrorista ou não, sobrevive sem recursos humanos. No sentido organizacional da palavra, o recrutamento traduz-se no conjunto de procedimentos que visa atrair e captar candidatos potencialmente qualificados e capazes de ocupar cargos dentro da organização. É através do processo de recrutamento e selecção que se verifica se um candidato tem ou não o perfil necessário para preencher uma vaga disponível dentro de uma organização (Chiavenato, 2000). Esta é uma actividade que permite à organização captar os meios humanos de que necessita e, desta forma, colmatar as carências sobre o quantitativo de recursos humanos que deverá possuir (Caetano & Vala, 2002).

O recrutamento é então uma questão essencial para todas as organizações, não sendo as terroristas excepção. Segundo Crenshaw (1982), este tipo de organizações possui quatro componentes principais: a liderança, a ideologia, o recrutamento e a publicidade. O recrutamento representa uma das suas maiores necessidades, uma vez que os militantes são o seu principal recurso, e permitem que esta sobreviva e prospere ao longo do tempo. Estes militantes representam o “corpo” da organização, através do qual a liderança será capaz de executar os actos desejados (Crenshaw, 1982; Sparago, 2007).

#### 2.1.1. Formas de recrutamento

Os possíveis militantes podem ser encontrados de diversas formas, contudo, existem algumas mais viáveis para recrutar seguidores:

**Em rede (*networking*).** As relações pessoais assumem uma importância crucial no recrutamento de indivíduos por parte de organizações terroristas (Johnson, s.d.). O recrutamento em rede, através de mecanismo de introdução, representa um dos moldes mais comuns de adesão a um grupo terrorista. Desta forma, um indivíduo que se relacione com outro para quem pertencer a um grupo terrorista constitua uma parte central da identidade social, terá muita dificuldade em manter essa relação sem vir a partilhar os valores e preocupações do outro. De acordo com Heider (1958) citado em Kruglanski e Fishman (2006), a teoria do equilíbrio corrobora esta ideia, uma vez que defende que as pessoas se esforçam para a harmonia nas

suas relações interpessoais, o que requer que concordem com aqueles de quem gostem. Assim, os indivíduos com ligações significativas a pessoas relacionadas com o terrorismo, sentirão um impulso motivacional para se ligarem também elas à ideologia e se envolverem com a organização terrorista. Considerando as duas formas de ligação entre o indivíduo e a organização, o recrutamento em *networking* pode ser considerado um processo de *bottom-up*, uma vez que é o indivíduo que procura a organização e se voluntaria para missões, uma vez que se identifica com valores, atitudes e características da mesma (Kruglanski & Fishman, 2006).

**Instituições de promoção do terrorismo.** Nos processos de radicalização, as conexões físicas assumem um papel de extrema importância durante o recrutamento - mesmo os indivíduos auto-recrutados através da internet, posteriormente, encontram-se com membros da organização, de forma a avançarem nesta. Este contacto físico pode ocorrer através de qualquer instituição promotora do terrorismo (Johnson, s.d.).

Segundo entrevistas realizadas no Médio Oriente a terroristas detidos (Post, Sprinzak & Denny, 2003), a mesquita foi a instituição mais referida como meio de entrada na organização terrorista. As grandes figuras de autoridade da mesquita assumiram um papel de grande destaque na introdução destes membros, desenvolvendo neles uma consciência política através das orações e da participação em aulas de religião. Citando um dos terroristas “O Alcorão e os meus estudos religiosos foram as ferramentas que moldaram a minha consciência política. A mesquita e os clérigos religiosos na minha aldeia transmitiram-me o ponto focal da minha vida social” (Post et al., 2003, p. 177).

A mesquita, como local de oração e interacção, funciona como terreno perfeito para recrutar terroristas<sup>2</sup>, onde os potenciais militantes podem ser observados e avaliados com base nos seus comportamentos. Estas instituições funcionam também como uma rede social, que permite o encontro de muitas pessoas e promove a discussão religiosa e a interacção social (Sparago, 2007).

As prisões são também um dos locais ideais para recrutar novos

---

<sup>2</sup> Duas mesquitas ocidentais assinaladas como extremistas são a mesquita de Finsbury Park em Londres e a Mesquitaal-Farouq em Brooklyn (Cowell, 2003; Lichtbrau & Glaberson, 2003).

membros para organizações terroristas, proporcionando-lhes uma formação avançada (Cuthbertson, 2004). Esta forma de recrutamento ocorre em todo o mundo<sup>3</sup>, muitas vezes devido ao facto dos prisioneiros serem marginalizados e isolados do contacto com familiares e amigos, deixando-os susceptíveis ao apelo de grupos radicais, que oferecem protecção, posições de influência e redes de correspondência dentro e fora da prisão (Testimony of John S. Pistole, 2003 cit in Sparago, 2007).

As prisões assumem então, frequentemente, um papel de ensino e promoção daquilo que pretendem combater. Forest (2006) citado em Sparago (2007) refere o exemplo dos prisioneiros do Irish Republican Army (IRA), muitas vezes interrogados por outros, de forma a obter informação que é posteriormente partilhada e usada como reforço psicológico: “saber o que está a acontecer do lado de fora, seja sucesso ou fracasso, pode ser um poderoso motivador” assim como “para aqueles que ainda não pertencem ao grupo, ouvir essas histórias pode oferecer uma sensação de esperança numa situação de desespero” (Sparago, 2007, p. 34).

Outro tipo de instituição apontada como base de recrutamento de terroristas é a madrassa (Kruglanski & Fishman, 2006). Uma madrassa é uma instituição de educação que oferece instrução nos assuntos islâmicos incluindo, não só mas também, o Alcorão e os ensinamentos do profeta Maomé, assim como jurisprudência e leis (Armanios, 2003). Contudo, não existe consenso relativamente à ligação entre terrorismo e madrassas. Segundo Stern (2002), apenas uma pequena percentagem de madrassas podem ser qualificadas como extremistas, sendo que os números das autoridades paquistanesas apontam para percentagens entre os 10 a 15% de entre os milhares existentes. Porém, apesar da existência destas madrassas radicais, elas apenas difundem a ideologia, não fornecem treino e prática terroristas; para além de que frequentar uma madrassa não representa uma condição essencial para integrar uma organização terrorista (Johnson, s.d.;

---

<sup>3</sup> José Emilio Suárez Trashorras, nascido em Espanha e ex-mineiro nas Astúrias, é considerado o principal fornecedor dos explosivos utilizados no atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid. Foi preso em 2001 por tráfico de drogas. Após convívio com jovem marroquino também detido, abraçou entusiasticamente as crenças fundamentalistas radicais islâmicas, sendo recrutado posteriormente por um grupo terrorista marroquino ligado à al-Qaeda (Cuthbertson, 2004).

Kruglanski & Fishman, 2006). Bergen e Pandey (2005) reiteram estas ideias, afirmando que “tais escolas não ensinam as habilidades técnicas ou linguísticas para se ser um terrorista eficaz” e ainda que “a maioria frequentou o ensino superior em assuntos técnicos como engenharia” (Bergen e Pandey, 2005 cit in Kruglanski & Fishman, 2006, p. 18).

Ao contrário da anterior, esta forma de recrutamento através das instituições é realizada através de processos de *top-down*, uma vez que é a organização que procede à socialização dos indivíduos, de forma a que haja um melhor ajuste à missão da organização (Chatman, 1991 cit in Kruglanski & Fishman, 2006).

**A Internet e o recrutamento terrorista virtual.** Actualmente, a Internet desempenha um papel de elevada importância nos processos de auto-recrutamento das organizações terroristas, principalmente no que se refere à juventude islâmica, através da difusão de mensagens e vídeos, tentando estimular a imaginação e alcançar os “pontos fracos” dos potenciais recrutas (Kruglanski & Fishman, 2006). Representantes da al-Qaeda encorajam mesmo publicamente os “profissionais de internet muçulmanos a espalhar e disseminar notícias e informações sobre a *Jihad* por *e-mail*, grupos de discussão e *sites* pessoais.” (Azzam Publications, 2001 cit in Kruglanski & Fishman, 2006, p.19) À semelhança da anterior, o auto-recrutamento ocorre através de processos *top-down*<sup>4</sup> (Kruglanski & Fishman, 2006).

### 2.1.2. Agentes recrutadores

Ao pensar em recrutadores ao serviço de organizações terroristas,

---

<sup>4</sup> Apesar de serem apresentados em separado ao longo das diversas formas de recrutamento, os processos de *bottom-up* e *top-down* estão profundamente ligados. Como referem Kruglanski e Fishman (2006), o primeiro, através das relações pessoais, impulsiona a motivação, o acolhimento da ideologia, e a sua validação social, enquanto o segundo proporciona os argumentos ideológicos. Contudo, é importante esclarecer que as relações pessoais representam uma fonte determinante, mesmo que não exclusiva, de motivação para que depois o indivíduo tenha o desejo de procurar os materiais terroristas existentes, por exemplo, na internet.

existe uma tendência para os ver como subversores que, através de “lavagens cerebrais” e processos de *top-down*, levam indivíduos a tornarem-se terroristas (Neumann & Brooke, 2007). Contudo, Sageman (2004), citado em Neumann e Brooke (2007), defende a ideia de recrutadores como reguladores num processo exigente e selectivo<sup>5</sup>, destacando e enaltecendo o auto-recrutamento como principal forma de ingresso. Apesar de esta visão ser interessante, é aqui levada ao extremo, uma vez que os estudos comprovam que há instituições que facilitam o processo de integração em organizações como estas. Desta forma, podem ser considerados como agente recrutadores: instituições promotoras de terrorismo ou *gateway organisations*, activistas, imãs radicais, e os próprios indivíduos, através de auto-recrutamento (Kruglanski & Fishman, 2006; Neumann & Brooke, 2007).

Já referidas no ponto anterior, as instituições promotoras ou *gateway organisations*, apesar de não estarem envolvidas directamente no processo, podem funcionar como vias facilitadoras à incursão de indivíduos na causa terrorista. Elas desempenham três funções muito importantes para o recrutamento: doutrinam, ou seja, transmitem ideias religiosas e políticas, criando no indivíduo um quadro ideológico partilhado por extremistas violentos; socializam, uma vez fazem a introdução do indivíduo no “meio radical”, onde este estabelecerá relações com ideias e extremistas radicais; e, por fim, incitam à radicalização, fazendo com que o indivíduo abrace ideias e valores incompatíveis com as regras sociais e democráticas (Kruglanski & Fishman, 2006; Neumann & Brooke, 2007; Zeyno, 2005 cit in Neumann & Brooke, 2007).

Os activistas desempenham um papel crucial no recrutamento, radicalização e formação dos membros das células de uma organização terrorista (Nesser, 2006 cit in Neumann & Brooke, 2007). O activista, como fundador da célula, é a pessoa responsável pela união entre os seus membros, através de um forte espírito de liderança, coesão e compromisso com a causa de toda a organização. Assume um papel de liderança no

---

<sup>5</sup> “Joining the *jihad* is more akin to the process of applying to a highly selective college with recruiters playing the role of gate-keepers rather than lurking in mosques, ready to subvert naïve and passive worshippers” (Sageman, 2004 cit in Neumann & Brooke, 2007, pp. 48).

processo de expansão da célula, apresentando-se extremamente convincente e motivado, agindo sob uma possível rede de contactos, a fim de captar novos membros (Neumann & Brooke, 2007).

Outro actor que desempenha a função de recrutador, no caso do movimento militante islâmico, é o imã radical, que assume um papel crucial nos processos de radicalização e recrutamento, uma vez que atrai seguidores e os integra numa rede. São vistos pelos membros da organização como autoridades religiosas e fornecem justificativas para a prática de actos terroristas, além de estabelecerem ligações entre redes e grupos, funcionando como um elo que une o movimento militante islâmico (Neumann & Brooke, 2007).

Apesar de alguns imãs radicais estarem actualmente presos - como é o caso de Abu Hamza, um dos imãs radicais mais conhecidos no Reino Unido devido aos seus discursos incitadores de ódio – e outros terem sido deportados; as mesquitas darem cada vez menos espaço aos seus discursos; e as novas leis punirem a glorificação do terrorismo, não se pode dizer que o seu desaparecimento seja completo, apesar do espaço de acção ter sido consideravelmente reduzido (Neumann & Brooke, 2007).

## **2.2. Recrutamento na al-Qaeda**

### **2.2.1. A al-Qaeda**

A al-Qaeda, ou em português “A Base”, é uma organização radical sunita muçulmana, que foi liderada por Osama bin Laden. Além dos seus próprios membros, possuiu uma rede de grupos operacionais em, aproximadamente, 65 países (START, s.d.). Funciona de forma secreta, quase virtual, mantendo em absoluto segredo as suas práticas, mesmo quando opera em coordenação com outros grupos que partilham os seus objetivos (Gunaratna, 2002).

A sua formação deu-se na sequência da guerra soviética no Afeganistão entre 1979 e 1989, onde Osama bin Laden lutava contra a invasão. Após o final da guerra, e através dos recursos e contactos estabelecidos durante o seu período, bin Laden transformou a al-Qaeda numa organização de combate aos inimigos do Islão no Ocidente (Scheuer,

2002). Segundo o perfil organizacional da al-Qaeda na base de dados START, a sua filosofia define-se como “*jihad* defensiva”, e incentiva todos os muçulmanos a combater e derrubar os regimes não islâmicos que, segundo a al-Qaeda, oprimem e atentam contra todos os muçulmanos, substituindo-os por governos islâmicos genuínos. Das suas grandes lutas fazem parte a expulsão dos soldados dos EUA e das influências ocidentais dos territórios sagrados do Golfo e do Iraque, e a tomada de Jerusalém como cidade muçulmana (START, s.d.).

Apesar do atual crescimento da ideologia de extrema-direita na Europa, e a consequente importância do estudo dos grupos radicais associados, a minha escolha como “caso de estudo” da segunda parte desta dissertação recaiu sobre a organização terrorista al-Qaeda. Esta escolha pretende-se, antes de mais, com a globalidade da organização. Como refere Gunaratna (2002) no livro *No Interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror*, para além da sua “penetração ideológica nas comunidades muçulmanas através do recrutamento e imãs e funcionários de mesquitas”, a organização tem vindo a desenvolver largos esforços no sentido de se infiltrar e controlar muitas das ONG islâmicas. O autor refere que, segundo dados da CIA, “um quinto de todas as ONG islâmicas a nível mundial têm sido involuntariamente invadido”, com o objetivo de radicalizar e mobilizar a comunidade islâmica (Gunaratna, 2002, p. 76).

Também o facto de ter uma estrutura descentralizada, permite analisar o comportamento das suas células, nomeadamente na Europa, o que representou um ponto importante para esta escolha. Por fim, a difusão da al-Qaeda como uma ideologia tornou-a muito apelativa em termos de recrutamento, despertando assim o interesse pelo estudo deste processo.

### 2.2.2. Processos de recrutamento

Os processos de recrutamento resultam da combinação de um padrão geral e de descritores específicos (Gerwehr & Daly, 2006). Apesar da existência de uma grande variedade de padrões, um estudo realizado pela *RAND Corporation*<sup>6</sup> esquematizou quatro modelos predominantes que

---

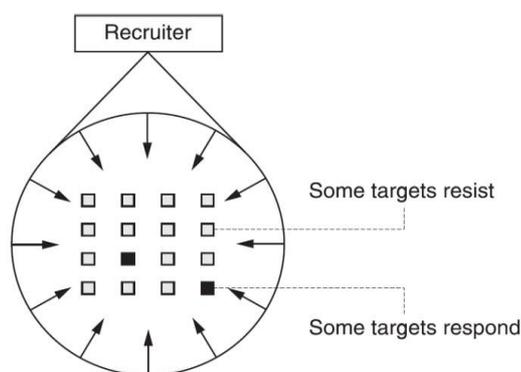
<sup>6</sup> A *RAND Corporation* é uma instituição de pesquisa sem fins lucrativos, com sede na Califórnia. Dela faz parte a divisão responsável por este estudo, a *RAND National Security Research Division* (NSRD), que realiza pesquisas e

podem estar na base do recrutamento realizado na al-Qaeda: recrutamento em Rede (*the Net*), recrutamento em Funil (*the Funnel*), recrutamento por Contágio (*the Infection*) e recrutamento por Cristalização (*the Seed Crystal*)<sup>7</sup>.

### ***Recrutamento em Rede***

Neste modelo é feita uma abordagem à população-alvo de forma equitativa, pelo que pode funcionar melhor em ambientes homogêneos e receptivos, onde há pouca oposição séria, e também em conjunto com as restantes abordagens. A população-alvo está preparada para o processo de recrutamento e, perante a influência exercida, pode responder positiva ou negativamente (Gerwehr & Daly, 2006).

No caso da al-Qaeda, este modelo seria facilmente eficaz em contextos como mesquitas lideradas por imãs radicais ou em locais em que a organização possui grande número de apoiantes, como é o caso de algumas regiões do Paquistão (Gerwehr & Daly, 2006).



**Figura 1.** Recrutamento em Rede (Gerwehr & Daly, 2006, p.76).

### ***Recrutamento em Funil***

Pode ser usada uma abordagem gradual quando se acredita que a população-alvo está madura para o processo de recrutamento, mas requer

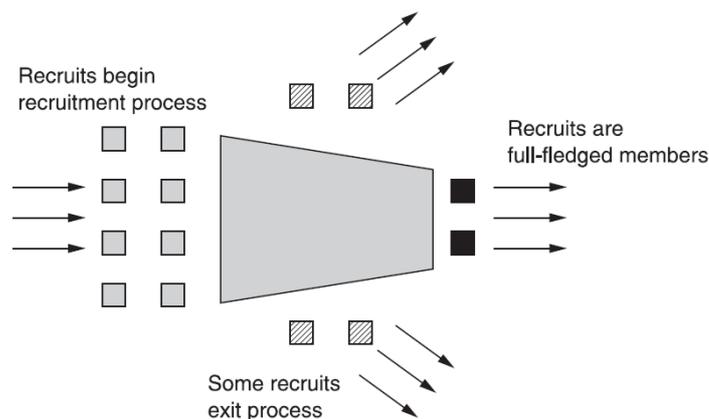
---

análises no âmbito da segurança nacional, incluindo a *U.S. Air Force* e o Exército Americano. Colabora também com a *U.S. intelligence community* e os Ministérios da Defesa dos aliados dos EUA.

<sup>7</sup> Tradução livre.

ainda uma transformação na identidade e motivação. Assim, o método começa com um grupo de potenciais recrutas que vão sendo transformados ao longo do processo; pelo caminho, vão sendo eliminados os menos aptos. Do processo de recrutamento fazem parte actividades de *team building*, rituais, praxes e outras técnicas que permitem avaliar o comprometimento do indivíduo com a organização. No caso particular da al-Qaeda, o compromisso é ainda avaliado através do conhecimento que os indivíduos possuem do radicalismo islâmico e do uso da violência para alcançar objectivos (Gerwehr & Daly, 2006).

Esta abordagem apresenta-se vantajosa uma vez que mesmo os indivíduos eliminados do processo podem desenvolver uma visão positiva relativamente à organização, assumindo posteriormente o papel de intermediários para novos recrutamentos. Pode ser usada em áreas onde o governo assume algum controlo, mas onde é permitida a existência de potenciais instituições promotoras de terrorismo, como as madrassas radicais (Gerwehr & Daly, 2006).



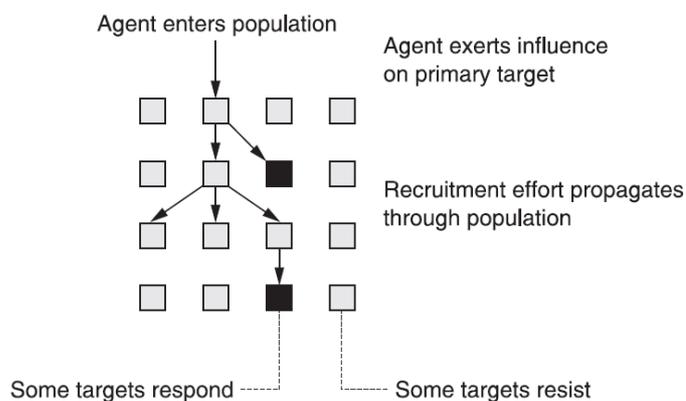
**Figura 2.** Recrutamento em Funil (Gerwehr & Daly, 2006, p.77).

### ***Recrutamento por Contágio***

Quando a população-alvo é difícil de influenciar, este é o modelo mais eficaz. Como explicam Gerwehr e Daly (2006) “um agente de confiança é inserido na população-alvo para reunir potenciais seguidores por meio directo e apelos pessoais. Este método utiliza a força persuasiva significativa de (1) fonte de credibilidade, (2) comparação social e validação e (3) recursos especialmente adaptados” (Gerwehr & Daly, 2006, p. 78).

Assim, tal como a propagação de um vírus numa população, alguns indivíduos serão “imunes” quanto outros serão “vítimas”, tornando-se estes depois os agentes radicais que transmitirão “o vírus” ao longo da população-alvo. As vantagens prendem-se com a selectividade e sigilo na aplicação do método, o que torna a sua aplicação especialmente recomendada em ambientes de firme controlo sobre a população através de forças de segurança fortes (Gerwehr & Daly, 2006).

Em termos geográficos, a al-Qaeda poderia aplicar este modelo de recrutamento em países como o Quênia e a Tanzânia, uma vez que não possui um grande número de seguidores da sua causa nestes países, mas existe a possibilidade de seleccionar indivíduos para as suas operações (Gerwehr & Daly, 2006).



**Figura 3.** Recrutamento por contágio (Gerwehr & Daly, 2006, p.78).

### ***Recrutamento por Cristalização***

Como refere o estudo realizado pela *RAND Corporation*, este modelo é “muitas vezes usado quando o público-alvo é tão remoto e inacessível, que impede a colocação de um agente de confiança ou a instalação de uma rede de informação” (Gerwehr & Daly, 2006, p. 79). Perante esta dificuldade ou mesmo impossibilidade de recrutamento aberto, os responsáveis pelo recrutamento procuram fornecer um contexto que gere o auto-recrutamento, uma vez que é difícil usar outros métodos devido ao ambiente de apertado controlo da actividade radical. Após o auto-recrutamento de um dos indivíduos no seio da população-alvo, é formada uma “semente”, que desenvolverá um processo de recrutamento semelhante ao que ocorre no recrutamento por contágio, difundindo-se por outros

indivíduos (Gerwehr & Daly, 2006).

No que se refere ao caso concreto da organização terrorista al-Qaeda, esta abordagem produziu sucesso na sua célula de Hamburgo, com conspiradores do 11 de Setembro (Gerwehr & Daly, 2006).

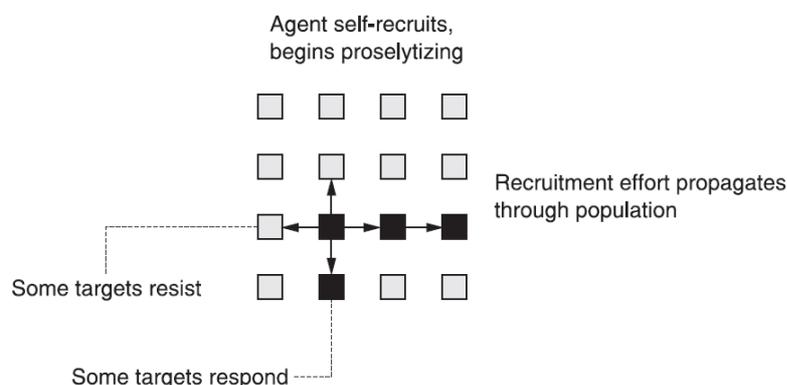


Figura 4. **Recrutamento por Cristalização (Gerwehr & Daly, 2006, p.79).**

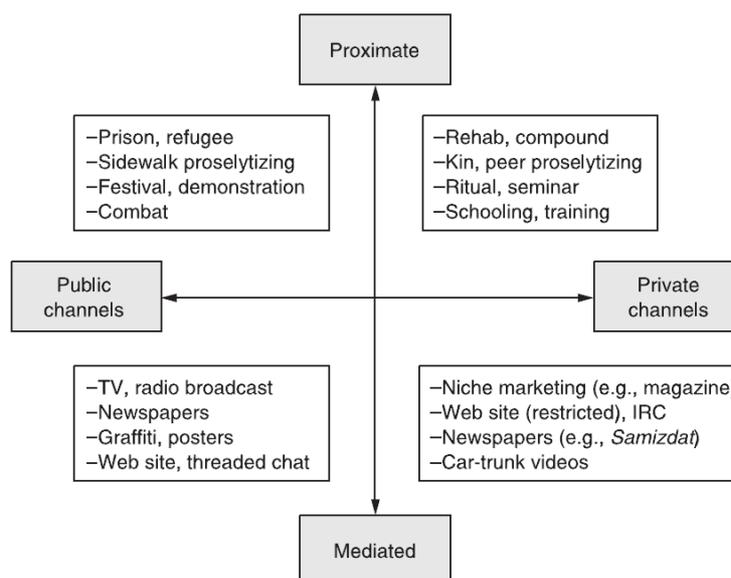
São estes os métodos apresentados por Gerwehr e Daly (2006) como padrões comuns de recrutamento. Contudo, e citando os autores, “esta não é de nenhuma maneira uma lista exaustiva de padrões. Serve apenas para ilustrar os padrões mais comuns e as diferenças entre eles (Gerwehr & Daly, 2006, p.80). Além disso, os autores alertam ainda para o facto de que estes métodos devem ser encarados como hipóteses em investigação, e não como verdades absolutas (Gerwehr & Daly, 2006).

### 2.2.3. A comunicação

Inerentes ao processo de recrutamento estão os instrumentos de comunicação, sejam estes directos, como a abordagem pessoal, ou indirectos, através do uso da internet. Desta forma, a organização procura captar potenciais membros através da sua influência social em determinados locais, através dos *mass media* ou combinando estas duas formas (Gerwehr & Daly, 2006).

Como forma de analisar este tema, Goffman (1963) propõe “duas dimensões cardeais ao longo das quais a comunicação no recrutamento pode ser avaliada, num determinado momento” (Goffman, 1963 cit in Gerwehr &

Daly, 2006, p.80): Pública *versus* Privada e Próxima *versus* Mediada. A primeira diz respeito à interação e depende da legislação, regras institucionais e atitude da comunidade para com a organização; a segunda, prende-se com a proximidade da fonte de persuasão, e depende de variáveis como a tecnologia disponível e o nível socioeconómico. O cruzamento destas duas dimensões gera quatro quadrantes, que ilustram os diferentes recursos de comunicação existentes (Gerwehr & Daly, 2006):



**Figura 5.** Tipos de comunicação no processo de recrutamento (Gerwehr & Daly, 2006, p.81).

**Canal Público e Contacto Próximo.** A comunicação ocorre em meios públicos e o contacto entre recrutadores e população-alvo é próximo. Estes “misturam-se com a população-alvo, composta por pequenos grupos já maduros para o recrutamento” (Gerwehr & Daly, 2006, p.82). Assim, o recrutamento ocorre cara-a-cara, geralmente em cenários visíveis ao público em geral e sem restrições por parte das autoridades, seja por questões políticas, de legislação insuficiente, ou mesmo por medo. Fazem parte desses cenários as prisões, os campos de refugiados e os contextos de guerra e ocupação (Gerwehr & Daly, 2006).

**Canal Público e Contacto Mediado.** Sob estas condições, a comunicação é semelhante à propaganda, com o uso de canais de comunicação legais e governamentais, como a televisão e a rádio, e também

através de meios mais ilícitos, como *graffitis*. Há também o recurso à internet, em *sites* acessíveis a todos os utilizadores e cujo domínio não é secreto. O uso destes meios tem como objectivo “alcançar um determinado estrato da sociedade, como jovens, homens solteiros, membros de congregações religiosas, entre outros”<sup>8</sup> (Gerwehr & Daly, 2006, p.82). O contacto é mediado, uma vez que a proximidade física com a população-alvo não é possível ou sustentável, apesar da comunicação se fazer sem muitas restrições (Gerwehr & Daly, 2006).

**Canal Privado e Contacto Próximo.** As técnicas de comunicação usadas estão fora do domínio público, ou seja, em ambientes íntimos. O contacto entre recrutadores e população-alvo é próximo e baseado em apelos pessoais específicos para um indivíduo ou para um grupo pequeno (Gerwehr & Daly, 2006).

**Canal Privado e Contacto Mediado.** Os canais de comunicação usados são íntimos e funcionam na clandestinidade. A organização recorre a técnicas como a produção de literatura, que é posteriormente posta a circular secretamente a um público amplo, *sites* protegidos, salas restritas de conversação *online* e difusão de vídeos clandestinos. Este tipo de comunicação não é o mais indicado para conseguir bons índices de recrutamento, sendo mais eficaz na manutenção da comunicação dentro da organização<sup>9</sup> (Gerwehr & Daly, 2006).

#### 2.2.4. Atrair e solidificar a mentalidade terrorista

A al-Qaeda, como outra organização terrorista, possui técnicas para atrair e preparar os seus novos membros para o futuro, solidificando a sua mentalidade terrorista. São elas:

**Media e propaganda.** Como já foi referido anteriormente, as organizações terroristas, e neste caso a al-Qaeda, usam várias técnicas de

---

<sup>8</sup> É comum a al-Qaeda publicar vídeos *online* e fazer declarações para jornais do mundo árabe, transmitindo mensagens direccionadas a segmentos específicos da população, com vista a fomentar o recrutamento (Gerwehr & Daly, 2006).

<sup>9</sup> Este tipo de comunicação passou a ser muito usada pela al-Qaeda após os atentados de 11 de Setembro, devido à destruição de muitas das suas redes de comunicação (Gerwehr & Daly, 2006).

comunicação para difundir a sua mensagem. A disponibilização de vídeos na *internet* tem sido um dos meios mais utilizados para atrair novos membros, para além de ser um forte motivador (Kohlmann, 2006 cit in Sparago, 2007).

**Recompensas.** A religião é um forte motor motivacional e, neste caso, os radicais islâmicos pregam a existência do Paraíso onde o indivíduo será recebido, levando-o a acreditar que depois da sua morte alcançará uma existência melhor (Hoffman, 1998). Parafraçando Osama Bin Laden citado em Silva (2005, p. 424):

Os privilégios de um mártir são garantidos por Alá; perdoado com as primeiras gotas do seu sangue derramado, ser-lhe-á mostrado o seu lugar no paraíso, será enfeitado com as jóias de Imaan, será prometido às mais belas, será protegido da provação da sepultura, ser-lhe-á concedida segurança no dia do juízo, será coroado com a coroa da dignidade, com um rubi melhor do que Duniah (o mundo inteiro) e tudo o que contém, casará com setenta e duas das puras Houris (as belas do paraíso), e poderá interceder por setenta dos seus familiares.<sup>10</sup>

Outra forma de recompensa por darem a vida é o facto de os mártires serem tratados como heróis no mundo islâmico. Como refere Sparago (2007), é dado o seu nome a ruas, os seus pais são felicitados, e festejam-se feriados em sua honra. Assim, um mártir é no mundo islâmico uma “celebridade”, o que atrai principalmente indivíduos provenientes de meios em que as oportunidades de prosperar são diminutas (Sparago, 2007).

**Desumanização do inimigo.** A desumanização é um processo que envolve a categorização de um grupo como desumano, caracterizando-o como inferior e negativo (Bar-Tal, 1989). Segundo Kelman (1976), desumanizar envolve negar a identidade de uma pessoa, ou seja, não a reconhecer como indivíduo e, quando isso acontece, perder-se a capacidade de evocar compaixão e empatia. Forest (2006) citado em Sparago (2007) explica que “um grupo com ideologia extremista, primeiro elimina a velha identidade social do novo recruta, e depois condiciona-o a identificar os inimigos do grupo como sub-humanos que devem ser eliminados” (Forest,

<sup>10</sup> “A Declaration of War by Osama Bin Laden, together with leaders of the World Islamic Front for the Jihad Against the Jew and the Crusaders”, Afeganistão, 23 de fevereiro de 1988.

2006 cit in Sparago, 2007, p.44).

Uma das formas de desumanização proposta por Reguera (2008) é a *demonização*. Ancorada no discurso religioso-teológico, característico da al-Qaeda, a *demonização* atribui características demoníacas aos membros do grupo considerado como inimigo. Na sua base está a luta “do bem contra o mal” e é considerado “irracional e desumano não proceder à destruição do mal”, através da eliminação da maldade intrínseca presente nos membros do grupo demonizado (Reguera, 2008, p.12). Esta guerra “entre o bem e o mal” é assim usada como instrumento político para destruir ou converter um determinado exogrupo, tendo como justificativa um discurso religioso (Reguera, 2008).

Outro conceito relacionado com este tema é o da infra-humanização. Com origem em vários estudos desenvolvidos na área da psicologia social, a infra-humanização é caracterizada pela hierarquização de grupos, em que um grupo (endogrupo) se considera mais humano que outro grupo (exogrupo) por possuir uma série de características que o outro possui menos ou não possui. Citando Lima e Vala (2004), a infra-humanização “implica sempre a negação, em maior ou menor grau, de determinadas características que compõem a *essência humana*” (Lima & Vala, 2004, p. 3), sendo que os estudos apontam como características dessa *essência* os valores (Schwartz & Struch, 1989), a cultura (Moscovici & Pérez, 1999), a linguagem, a inteligência e nas emoções unicamente humanas (Leyens et al., 2000). De modo que, “negar aos exogrupos algum desses elementos é uma forma de infra-humanização” (Lima & Vala, 2004, p.3).

Focando na teoria elaborada por Leyens e colaboradores (2000), em casos de infra-humanização, os estudos empíricos permitiram identificar uma tendência para atribuir maior número de emoções secundárias (como amor, compaixão e vergonha) ao endogrupo do que ao exogrupo, e, caso essa infra-humanização ocorra em contextos de confronto entre grupos como terrorismo e guerras, a diferença na atribuição de emoções secundárias ao grupo rival é ainda maior, tendendo à *animalização*<sup>11</sup>. Este tipo de desumanização é geralmente acompanhado de humilhação por parte do

---

<sup>11</sup> De referir que, no extremo, a *animalização* se caracteriza pela total negação de humanidade de um grupo, enquanto que a infra-humanização demonstra que um grupo é *mais* humano que outros (Haslam, 2006).

grupo agressor que sente nojo e repulsa pelo grupo agredido, justificando por isso a violência infringida contra o outro (Haslam, 2006; Leyens et al, 2000).

**Lealdade ao grupo.** Estudos realizados têm mostrado que os homens que lutam em contextos semelhantes ao do terrorismo são, geralmente, mais motivados pela pressão do grupo do que por ódio ou medo; a obediência à autoridade, a estima dos seus companheiros, a defesa do grupo e o desejo de contribuir para o sucesso deste são as fontes da motivação mais importantes (Muñoz-Rojas & Frésard, 2004).

Uma vez pertencente ao grupo, o indivíduo abandona a sua identidade pessoal e adota a da organização, agindo sempre para o bem da organização, em detrimento do seu bem (Victoroff, 2005). Citando Muñoz-Rojas e Frésard (2004), “o combatente não é mais um indivíduo totalmente autónomo, uma vez que está sujeito às regras do grupo, aos seus líderes e ao conformismo” (Muñoz-Rojas & Frésard, 2004, p. 7). Agora, o indivíduo deve a sua lealdade à organização, e não a si ou ao seu país.

Hudson (1999) citado em Sparago (2007) refere que “este grupo fornece um sentimento de pertença, de auto-importância, e um novo sistema de crenças que define o acto terrorista como moralmente aceitável e os objectivos do grupo como de suma importância” (Hudson, 1999 cit in Sparago, 2007, p.46). Ou seja, com a interiorização dos princípios ideológicos da organização, o indivíduo é sujeito a uma reestruturação cognitiva que altera a sua conduta moral e socialmente aceitável, fazendo com que perceba como necessário e justificado o seu comportamento violento (Nascimento, 2002).

Estudos realizados acerca da coesão dos grupos comprovam que as relações entre os combatentes deste género de organizações são, muitas vezes, mais fortes do que as estabelecidas entre um casal; isto permite “o reforço da diluição da responsabilidade individual do combatente perante a responsabilidade coletiva da sua unidade de combate” (Muñoz-Rojas & Frésard, 2004, p. 7). Além disso, quando parte integrante de um grupo, o indivíduo tem tendência a atribuir um valor superior ao seu próprio grupo, assim como um maior número de qualidades aos seus membros, em detrimento dos outros grupos. Assim, quando outro grupo é considerado inimigo, esta tendência agudiza-se, fazendo com que sejam justificados, promovidos e incentivados os comportamentos violentos contra este

(Muñoz-Rojas & Frésard, 2004).

Ao longo do tempo é estabelecido um “pensamento grupal”, que não deixa margem ao indivíduo para discordâncias, resultando numa obediência inabalável, que mantém coesa a estrutura da organização (Sparago, 2007).

Nascimento (2002) sintetiza estas questões numa frase esclarecedora: “ao nível da motivação para a ação, os princípios ideológicos – conjugados com as necessidades de pertença e reconhecimento – exercem decisiva influência, na medida em que fornecem um objeto exterior aos sujeitos, servindo de alvo para a atribuição de responsabilidade.” (Nascimento, 2002).

### **2.2.5. Células na Europa**

Quando comparado com outros locais, a atividade da al-Qaeda na Europa pode ser considerada recente. Através da infiltração em várias organizações e grupos islâmicos radicais já instalados em território europeu, conseguiu instalar-se e recrutar operacionais, sendo estes na sua maioria imigrantes de primeira e segunda gerações, “provenientes do Médio Oriente do Norte de África, sobretudo argelinos, marroquinos, tunisinos, líbios e egípcios. Contudo, existe também um “grande número de europeus convertidos ao Islão que colaboram e apoiam a al-Qaeda e de asiáticos britânicos” (Gunaratna, 2002, p. 211).

Em termos estruturais, a al-Qaeda encaixa-se no tradicional sistema de células. Cada célula é composta por um reduzido número de militantes, de entre os quais existe um líder; apenas o líder mantém contacto direto com os quadros hierárquicos superiores da organização, e os restantes militantes conhecem-se apenas entre si. Este facto constitui uma das grandes vantagens desta modalidade organizacional, uma vez que, ao limitar a interação entre os membros da organização, o risco de fuga de informações importantes que possam pôr em causa a segurança da organização é muito reduzido (Nascimento, 2002).

Para além das ligações estabelecidas entre células, estas funcionam também em cooperação com organizações criminosas, que lhes permitem obter passaportes, falsificar e forjar documentos, movimentar pessoas ao longo das fronteiras, entre elas agentes recrutadores, entre outras atividades ilegais (Gunaratna, 2002).

A complexidade da estrutura organizacional da al-Qaeda torna difícil a compreensão do seu funcionamento, principalmente ao nível das células europeias. Alguns autores defendem que “os militantes islâmicos na Europa continuam a ser organizados em células estruturadas, que recebem treino e recursos do ‘núcleo duro’ da al-Qaeda, e dependem da sua liderança para definir direcções estratégicas” (Leiken, 2005 cit in Neumann & Brooke, 2007, p.23). Contudo, há também outros que consideram as células europeias um “fenómeno autónomo, composto por grupos desligados (...) que adoptam a linguagem da al-Qaeda, mas agem por conta própria” (Kirby, 2007 cit in Neumann & Brooke, 2007, p.23).

Estes dois pontos de vista são considerados por Neumann e Brooke (2007) como pólos opostos de uma escala, em que o grau de autonomia – nível de dependência da célula em relação ao “núcleo duro” – e de selecção – forma de recrutamento – determinam a localização da célula nessa escala. Assim, os autores definem três tipos de células que podem ser encontradas na Europa:

***Cadeias de comando.*** Este tipo de célula tem como objectivo “realizar operações em nome da liderança central” (Neumann & Brooke, 2007, p.24). Todos os seus recursos, sejam financeiros ou de equipamentos, provêm da organização, assim como o treino, que é fornecido em campos exteriores à célula. A activação da célula e todas as decisões estratégicas dependem do “núcleo duro” (Neumann & Brooke, 2007). O recrutamento é realizado através de processos de *top-down* e “conduzido por um membro sénior do ‘núcleo duro’, que identifica e aborda indivíduos cuja dedicação, habilidades e perfil geral corresponda às exigências” (Neumann & Brooke, 2007, p.24).

***Células guiadas.*** Apesar de estas células serem auto-suficientes, mantêm uma ligação com a organização, o que lhes permite ter acesso a alguns recursos. Em termos operacionais, “como parte consciente do movimento, a célula irá tentar actuar dentro dos parâmetros estratégicos definidos pelo ‘núcleo duro’” (Neumann & Brooke, 2007, p.24). Contudo, apesar desta orientação, sempre que possível, “os membros apresentam planos próprios para ‘aprovação’” (Neumann & Brooke, 2007, p.24). Quanto à selecção, decorre de processos de *bottom-up*, como o auto-recrutamento e o recrutamento em rede (*networking*) (Neumann & Brooke, 2007).

*Auto-iniciantes*. Estas células são “totalmente auto-suficientes em termos de formação, financiamento e planeamento” (Neumann & Brooke, 2007, p.25). Apesar de poder existir algum tipo de conexão limitada por parte de um membro, a célula não mantém qualquer ligação formal à rede da al-Qaeda. Usa como inspiração as declarações dos líderes da al-Qaeda, contudo, cabe à célula definir a natureza das operações e fazer a sua gestão, sem qualquer conhecimento por parte do “núcleo duro”. A entrada de novos membros realiza-se através de auto-recrutamento (Neumann & Brooke, 2007).<sup>12</sup>

### 2.3. Tendências actuais: o recrutamento de mulheres

*Não percebes, mãe, disse Alice, calma e confiante. Vamos deitar tudo abaixo. Tudo. Este lixo imundo em que vivemos. Vem tudo abaixo. E depois verás.*

Lessing, O Bom Terrorista (1984) citado em Townshend (2002).

Os números relativos à presença do sexo feminino em acções terroristas têm estado, nos últimos anos, em ascensão, e prevê-se que continuem a aumentar no futuro (Cunningham, 2003 cit in von Knop, 2007). Desde Vera Zasulich, autora do primeiro ataque armado dos Narodniks, em que o governador de São Petersburgo foi assassinado a tiro, em 1878, até Wafa Idris, primeira bombista-suicida árabe, em 2002, as mulheres têm assumido um papel relevante na prática do terrorismo (Townshend, 2002).

Para entender este fenómeno, é necessário analisar ambas as partes, ou seja, os motivos individuais e organizacionais que levam a este interesse pela presença feminina nas organizações terroristas.

Ao nível individual, muitos estudos têm sido realizados para tentar

---

<sup>12</sup> De acordo com a tipologia proposta, a célula de Hamburgo, que terá estado na origem dos ataques de 11 de Setembro nos Estados Unidos da América, seria denominada de *cadeia de comando*. Contudo, devido à complexidade das ligações entre as células e o “núcleo duro” da al-Qaeda, é por vezes difícil categorizar todas elas (Neumann & Brooke, 2007).

perceber quais os fatores motivacionais por detrás da participação das mulheres, e muitas razões têm sido apontadas pelos investigadores. Numa vertente patológica, existem estudos (Crenshaw, 2000; Neuburger & Valentini, 1996; Pearlstein, 1991) que defendem que uma "infância e trauma psicológico do adolescente pode ser a razão de sua participação em violência terrorista na idade adulta" (Dalton & Asal, 2011, p. 804). Em termos sociais, Galvin (1983) sugere que as mulheres podem perceber a sua participação em atividades terroristas violentas como um meio para alcançar melhorias ao nível social, sendo atraídas pela possibilidade de melhores condições e oportunidades de vida, assim como uma forma de "suprir as suas necessidades que não são adequadamente atendidas pelo regime político estabelecido (Dalton & Asal, 2011, p. 804). Estudos realizados argumentam que, muitas vezes, a motivação está diretamente relacionada com a questão feminista, havendo por parte das voluntárias o objetivo de "melhorar a sua posição no grupo em particular e na sociedade em geral"; a sua participação é assim encarada como uma "oportunidade política alternativa para alcançar maior equidade de género" (Dalton & Asal, 2011, p. 804).<sup>13</sup> Como os homens, as mulheres estão igualmente interessadas no poder, e particularmente em sociedades fundamentalistas, em que os papéis masculino e feminino são ainda muito rígidos e distintos, existe uma maior dificuldade em acederem à esfera pública e a posições relevantes. Desta forma, enquanto membro ativo ou facilitador da ação de uma organização terrorista, o acesso torna-se mais fácil (von Knop, 2007).

Contudo, os estudos empíricos realizados alertam para o facto de que, apesar da existência de uma forte hipótese de relação entre a luta pelos direitos das mulheres e a sua participação em atos terroristas violentos, existe "pouca evidência (...) de que a participação das mulheres em grupos terroristas tenha efetivamente ajudado a melhorar a igualdade de género e a justiça social dentro do seu grupo ou na sociedade em geral"<sup>14</sup> (Dalton &

---

<sup>13</sup> Seriam exemplos dessa luta pela garantia da igualdade a participação de mulheres em atos de violência praticados na luta pela independência de Moçambique e no terrorismo em Itália, ou a sua integração em grupos como os KKK e o IRA (Dalton & Asal, 2011).

<sup>14</sup> Como referem os autores do artigo *Is It Ideology or Desperation: Why Do*

Asal, 2011, p. 804).

Outros estudos apontam também como forças motivadores questões como o sentimento nacionalista, a repressão social, a coerção, a religião, o medo de retaliação, e as preocupações com a segurança pessoal (Dalton & Asal, 2011).

Investigadores nesta área têm reunido esforços no sentido de criar um perfil da mulher terrorista, de forma a perceber pontos comuns nas suas características e motivações, contudo isto tem-se revelado muito difícil, uma vez que estas mulheres provêm dos mais distintos meios sociais, religiosos e educacionais (von Knop, 2007).

Ao nível organizacional, o interesse em recrutar mulheres para uma actividade dominada por homens “representa uma mudança táctica das organizações” (von Knop, 2007, p.400), que acarreta motivos mais calculistas e estratégicos do que os anteriores. Os elevados níveis de pressão externa a que têm vindo a ser sujeitas as organizações terroristas, fazem com que estas tenham de se adaptar, adoptando novas técnicas (Cunningham, s.d. cit in von Knop, 2007). Assim, o recrutamento de mulheres é encarado como uma escolha estratégica que traz benefícios à organização (Dalton e Asal (2011).

A imagem de uma mulher terrorista produz maior impacto nos meios de comunicação do que um homem – estereótipo feminino não violento<sup>15</sup> –, servindo de propaganda poderosa para difundir a mensagem da organização. Além disso, as mulheres possuem também “uma maior capacidade de mobilização, (...) fornecem modelos fortes para outras mulheres<sup>16</sup>, (...) e

---

*Organizations Deploy Women in Violent Terrorist Attacks?*, apesar da presença das mulheres no terrorismo ser maior, estas não conseguiram, por exemplo, a “libertação das mulheres nas sociedades fundamentalistas”, tendo de assumir muitas vezes dentro das organizações terroristas “os mesmos papéis tradicionais dos quais desejavam escapar” e, apesar do seu contributo, veem as suas questões consideradas como não importantes (Dalton & Asal, 2011, p. 804).

<sup>15</sup> Atos terroristas praticados por mulheres são vistos pela sociedade como mais chocantes do que os que são praticados por homens, possivelmente devido ao facto destas serem consideradas “geradoras” de vida, contrariando totalmente as expectativas de feminilidade (Talbot, 2000 cit in von Knop, 2007).

<sup>16</sup> A al-Qaeda criou em 2011 uma revista feminina para as muçulmanas mulheres de fundamentalistas. Com o nome de *Al-Shamikhha*, que significa “A

umentam o recrutamento do sexo masculino” (Cronin, 2003 cit in von Knop, 2007, p.401) uma vez que os homens sentem o seu papel de figura dominante no conflito usurpada<sup>17</sup> (Cronin, 2003 cit in von Knop, 2007). Também o facto de serem membros menos comuns que os homens, aliado ao estereótipo feminino não violento, permite-lhes realizar ataques furtivos com maior sucesso, agindo como elemento surpresa e surtindo um efeito psicológico ainda maior (von Knop, 2007). Dalton e Asal (2011) apontam também como benefício da integração de mulheres em organizações terroristas a sua “capacidade e experiência para cuidar e auxiliar”, que pode ser bastante útil ao grupo, especialmente em “situações de carência de recursos humanos masculinos” devido, por exemplo, a conflitos prolongados ou a dificuldades de recrutamento (Dalton & Asal, 2011, p. 805).

Apesar de existirem motivações distintas de ambas as partes, o recrutamento feminino tornou-se um meio importante para garantir a sobrevivência das organizações terroristas; como refere von Knop (2007), “a sobrevivência a longo prazo de um grupo terrorista é muitas vezes dependente da participação feminina para ocupar as suas fileiras ou dos homens por elas persuadidos a aderir à organização (von Knop, 2007, p.401).

---

mulher majestosa”, a revista oferece artigos variados, desde dicas de beleza a depoimentos de combatentes do sexo feminino que aderiram à *jihad*. (cf. Anexo 1)

<sup>17</sup> Após o primeiro ataque suicida protagonizado por uma mulher na Palestina em 2002, um jornal islâmico egípcio noticiou “Foi uma mulher, uma mulher que é uma fonte de orgulho para as mulheres da nação e uma fonte de honra que envergonha os homens submissos, vergonha que não pode ser lavada, excepto por sangue”( *Al-Sha'ab* editorial, 2002 cit in von Knop, 2007).

## Conclusão

Como foi referido no primeiro capítulo, a definição do termo *terrorismo* gera ainda algumas divergências entre os vários autores. Existem tantas definições como estudiosos da área, mas, apesar desta multiplicidade de definições, existe um ponto em comum entre elas que se revela de extrema importância. Diz respeito ao carácter psicológico do terrorismo, ou seja, o que transforma um ato de violência em terrorismo são os efeitos psicológicos provocados, que se sobrepõem claramente aos efeitos físicos (Nascimento, 2002). Em suma, pode dizer-se que o terrorismo, através de ações indiscriminadas, tem por objetivo gerar uma atmosfera de medo, ansiedade, insegurança e repressão, fazendo propaganda da sua causa, numa tentativa de dissolver as normas sociais vigentes e de obter recursos financeiros (Crenshaw, 1982; Jenkins, 1975; Silva, 2005).

Muitas vezes associado a outras formas de criminalidade, o ato terrorista diferencia-se essencialmente pela aleatoriedade do alvo e pela mensagem associada à violência praticada. A União Europeia define-o como sendo “um ato intencional suscetível de prejudicar gravemente um país ou organização internacional, através de intimidação da sua população, impondo todo o tipo de imponderáveis, desestabilizando ou destruindo as suas estruturas fundamentais, constitucionais, sociais e económicas.”<sup>18</sup> (Posição Comum 2001/931/PESC do Conselho, 2001).

Relativamente ao recrutamento, e no caso específico apresentado,

---

<sup>18</sup> Do documento da União Europeia acima referido fazem parte da lista de crimes julgáveis como infrações terroristas os seguintes atos: “atentados à vida de uma pessoa ou à sua integridade física; rapto ou tomada de reféns; destruição maciça de instalações públicas ou privadas, incluindo os sistemas informáticos; captura de meios de transporte coletivo (aeronaves ou navios); fabrico, posse, aquisição, transporte e utilização de armas de fogo, explosivos, armas nucleares, biológicas ou químicas; libertação de substâncias perigosas, provocação de inundações, explosões ou incêndios; perturbação ou interrupção do abastecimento de água, eletricidade ou outro recurso natural fundamental; direção de um grupo terrorista ou participação nas suas atividades, incluindo sob a forma de financiamento ou de fornecimento de meios logísticos.” (Posição Comum 2001/931/PESC do Conselho, 2001).

existe ainda uma grande lacuna de conhecimento ao nível dos modelos implicados no processo. Como os próprios autores sugerem, é necessário proceder a um estudo aprofundado do recrutamento, juntando dados empíricos com a literatura científica existente, para que se possam traçar medidas de contra terrorismo eficazes (Gerwehr & Daly, 2006).

Por fim, quanto aos fatores que determinam o comportamento dos membros das organizações terroristas, pode concluir-se que a desvinculação moral e a prática de atos de tamanha violência se devem principalmente à desumanização do inimigo e à conformidade para com o seu grupo, que justificam as violações cometidas.

Como explicam Muñoz-Rojas e Frésard, (2004) esta desvinculação funciona de uma forma esquemática: a obediência dos membros do grupo à autoridade faz com que estes sintam a responsabilidade do ato como não sendo sua, ao mesmo tempo que a conformidade com o grupo contribui para a diluição da mesma. Geralmente, é transmitido ao executor a ideia de que ele sim é a vítima, fazendo com que este se veja e se sinta vitimizado pelo grupo considerado inimigo, justificando assim a sua ação. Percebendo a sua ação como justificada, é vulgarmente utilizada a ideia de que “os meios justificam os fins”, minimizando e ignorando os efeitos causados. Todo este processo tem por base a desumanização ou infra-humanização do grupo considerado inimigo, negando a sua “humanidade” ou remetendo-os para um patamar inferior ao seu (Muñoz-Rojas & Frésard, 2004).

Uma vez terminada a exposição dos conteúdos, deixo como sugestão para continuidade deste trabalho o aprofundamento das questões levantadas e o estudo das medidas de contra terrorismo referentes ao recrutamento.

## Referências Bibliográficas

- Armanios, F. (2003). Islamic Religious Schools, Madrasas: Background. *Congressional Research Service*. Washington, DC: Library of Congress.
- Bar-Tal, D. (1989). *Group beliefs: A conception for analyzing group structure, processes, and behavior*. New York: Springer-Verlag.
- Caetano, A., & Vala, J. (2002). *GRH: Contextos, Processos e Técnicas*. Lisboa: RH editora.
- Chaliand, G., & Blin, A. (Eds.). (2007). *The history of terrorism: From antiquity to Al Qaeda*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Chiavenato, I. (2000). *Recursos Humanos*. São Paulo: Atlas.
- Cowell, A. (2002). At a Mosque in London, bin Laden is Hailed as a Hero. *New York Times*, September 13, 2002.
- Crenshaw, M. (1981). The Causes of Terrorism. *Comparative Politics*, 13(4), 379-399.
- Cuthbertson, I. (2004). Prisons and the Education of Terrorists. *World Policy Journal* 21, no. 3.
- Dalton, A. & Asal, V. (2011). Is It Ideology or Desperation: Why Do Organizations Deploy Women in Violent Terrorist Attacks?. *Studies in Conflict & Terrorism*, 34 (10), 802-819.
- Forest, J. (2006). Training Camps and Other Center of Learning. *Forest ed.*, 75.
- Ganor, B. (2008). Terrorist Organization Typologies and the Probability of a Boomerang Effect. *Studies in Conflict & Terrorism*, 31 (4), 269-283.
- Gerwehr, S. & Daly, S. (2006). Al-Qaida: Terrorist Selection and Recruitment. *The McGraw-Hill Homeland Security Handbook*, ed. David G. Kamien. New York, NY: McGraw-Hill Companies, 73 – 88.
- Gunaratna, R. (2002). *Inside al-Qaeda: Global Network of Terror*. New York, NY: Columbia University Press.
- Haslam, N. (2006). Dehumanization: An Integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 10 (3), 252-264.
- Hoffman, B. (1998). *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press.
- Jenkins, B. (1975). International terrorism: A new mode of conflict. In David Carlton and Carlo Schaerf (eds.), *International terrorism and world security*. London: Croon Helm.
- Johnson, C. (s.d.). *Roots of Terror*. U.S. Army War College and Women in

International Security, Georgetown University, February 12, 2007.

Kelman, H. (1973). Violence without moral restraint: Reflections on the dehumanization of victims and victimizers. *Journal of Social Issues*, 29 (4), 25-61.

Kruglanski, A., Fishman, S. (2006). Psychological Factors in Terrorism and Counterterrorism: Individual, Group, and Organizational Levels of Analysis. *Social Issues and Policy Review*, 3 (1), 2009, 1-44.

Laqueur, W. (1999). *The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction*. New York: Oxford Press.

Laqueur, W. (2002). *A history of terrorism*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Leyens, J., Paladino, P., Rodriguez-Torres, R., Vaes, J., Demoulin, S., Rodriguez-Perez, A., & Gaunt, R. (2000). The emotional side of prejudice: the attribution of secondary emotions to ingroups and outgroups. *Personality and Social Psychology Review*, 4 (2), 186-197.

Lichtbrau, E. & Glaberson, W. (2003). Millions Raised for Qaeda in Brooklyn, U.S. Says. *New York Times*, March 5, A1.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2005). A cor do sucesso: efeitos da performance social e econômica no branqueamento e na infra-humanização. *Psicologia USP*, 16 (3), 120-131.

Moghaddam, F. M. (2005). The Staircase to Terrorism: A Psychological Exploration. *American Psychologist Association*, 60 (2), p. 161-169.

Muñoz-Rojas, D. & Frésard, J. (2004). The Roots Of Behaviour In War Understanding And Preventing IHL Violations. *International Committee of the Red Cross*, October 2004.

Nascimento, J. (2002). *O Terrorismo e seus intérpretes: uma abordagem psicossocial*. Lisboa: Hugin Editores.

Neumann, P. & Brooke R. (2007). *Recruitment and mobilisation for the Islamist militant movement in Europe*. Kings College: University of London.

Piper, P. (2008), Nets of terror: Terrorist activity on the internet. *Searcher*, 16 (10), 29-38.

Posição Comum 2001/931/PESC do Conselho (2001). Aplicação de medidas específicas de combate ao terrorismo. Acedido em 16 de Outubro de 2011, em:  
[http://europa.eu/legislation\\_summaries/justice\\_freedom\\_security/fight\\_against\\_terrorism/l33208\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/justice_freedom_security/fight_against_terrorism/l33208_pt.htm)

Post, J. M., Sprinzak, E., & Denny, L. M. (2003). The terrorists in their own words: Interviews with 35 incarcerated Middle Eastern terrorists. *Terrorism and Political Violence*, 15, 171–184.

Reguera, G.B. (2008). De La demonización al racismo sobre la

deshumanización del otro. *Criterio Jurídico*. V8. No2 9-24

Sageman, M. (2004). *Understanding Terror Networks*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Scheuer, M. (2002). *Through Our Enemies' Eye: Osama bin Laden, Radical Islam, and the Future of America*. Washington, D.C.: Brassey's.

Silva, M. (2005). *Terrorismo e Guerrilha: das Origens à al-Qaeda*. Lisboa: Edições Sílabo.

Sparago, M. (2007). *Terrorist Recruitment: the Crucial Case of Al Qaeda's Global Jihad Terror Network*. New York University: Center for Global Affairs.

Speckhard, A., & Ahkmedova, K. (2005). Talking to Terrorists. *Journal of Psychohistory*, 33(2), 125-156.

START National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (s.d.). Terrorist Organization Profiles. Acedido em 24 de Novembro de 2011, em: <http://www.start.umd.edu/start/>

Stern, J. (2002). Pakistan Jihad's Culture. *Foreign Affairs*, 79 (6), 115-126.

Townshend, C. (2002). *Terrorism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

U.S. Army (2007). *A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century*. Handbook No. 1 (Version 5.0).

Victoroff, J. (2005). The mind of the terrorist: A review and critique of psychological approaches. *Journal of Conflict Resolution*, 49, 3-42.

Von Knop, K. (2007). The Female Jihad: Al Qaeda's Women. *Studies in Conflict & Terrorism*, 30 (5), 397-414.

## **Anexos**

## Anexo 1

Capa da revista femina *Al-Shamikha*

